

Identidade e Cultura : um estudo sobre a trajetória de famílias negras no interior paulista

Prof^ª Dr^ª Claudete de Sousa Nogueira¹

claudete@fclar.unesp.br

Apresentação

“Depois das imagens do rio Tietê, seus pássaros, a vegetação à margem, as águas calmas ou encachoeiradas, surge a fogueira que aquece o couro e afina o tambor, as mãos que experimentam o som, os outros sons do início de uma festa ancestral que corre o risco de acabar...”(Jornal Estado de São Paulo.05/10/2003.p.D14)

A epígrafe acima citada descreve um ritual que faz parte do cotidiano de algumas famílias do interior Paulista. O batuque de umbigada, também conhecido como tambu ou caiumba, é uma manifestação cultural trazida para o Brasil pelos escravos de origem bantu que se mantém até os dias atuais nas cidades do interior paulista do Estado de São Paulo : Tietê, Capivari e Piracicaba.

Com seus instrumentos como o Tambu, uma espécie de tambor feito de tronco oco de árvore; quinzengue, um tambor mais agudo que faz a marcação rítmica do tambu e nele se apóia; as matracas, que são os paus que batem no tambu do lado oposto do couro; guaiás ou chocalhos de metal em forma de cones ligados, essa manifestação conseguiu se manter através do tempo, passando de geração para geração. Na característica da dança, homens e mulheres formam duas fileiras que se defrontam, encontram-se no centro do salão, fazendo passos variados e terminam com a umbigada.

Atualmente as cidades de Tietê, Capivari e Piracicaba continuam sendo espaços onde essa manifestação se encontra presente. O Treze de Maio em Piracicaba, o Sábado de Aleluia em Capivari e a Festa de São Benedito em Tietê são algumas das ocasiões em que passado e presente se confundem na dança de umbigada, nos reaquecimentos dos tambores ao calor da fogueira, nos longos versos improvisados em que homens e mulheres, jovens e velhos (re) vivem um ritual que o tempo não conseguiu apagar.

¹ Doutora em Educação pela UNICAMP, Mestre em História pela UNESP. Atualmente Professora Assistente do Departamento de Didática da UNESP/Araraquara

Originário das áreas rurais, o batuque de umbigada, também já foi chamado por samba de roda, samba de bumbo, por vezes samba lenço ou ainda samba rural. A hipótese mais aceita pelos estudiosos sobre sua origem é a de que essa manifestação cultural se estruturou nas grandes fazendas açucareiras da Província de São Paulo, devido ao número de negros escravizados nessa região.

Com o fim da escravidão e as dificuldades em encontrar trabalhos na zona rural, muitas famílias negras migram para as periferias das cidades levando consigo a memória das experiências vivenciadas, ocupando e transformando os espaços por onde passavam.

Assim, compreender a história e trajetórias dessas famílias faz-se fundamental na medida em que a experiência com a exclusão e discriminação reforçou laços de amizade do grupo e contribuiu para a construção e manutenção sua identidade étnica cultural.

O presente texto tem como objetivo apresentar um breve histórico do universo em que se insere atualmente o batuque de umbigada como prática cultural mantidas, organizadas, significadas e ressignificadas pelas círculos familiares negros no interior paulista.

1.1. Do terreiro das senzalas às ruas da periferia: a construção e transformação de um espaço

A região, que abrange as cidades de Tietê, Piracicaba e Capivari, cidades do interior paulista, foi considerada entre os séculos XVIII e XIX “quadrilátero do açúcar”, período em que recebeu grande contingente de negros.

O surgimento do chamado Quadrilátero do Açúcar, expressão utilizada por Petrone (1968), ocorreu com o declínio da mineração aurífera e o retorno de famílias mineradoras ao interior de São Paulo. Além deste fator, internacionalmente neste período houve escassez do produto e aumento no preço do açúcar. As Antilhas, principais exportadores, passavam por conflitos internos, prejudicando sua produção.

Como resultado desse processo, o estado de São Paulo passou por uma transformação sócio-econômica bastante significativa, com o surgimento de novos núcleos populacionais e a passagem de uma economia baseada na agricultura de subsistência à exportação de açúcar. Em pouco tempo notavam-se os reflexos dessas mudanças no interior paulista com o surgimento de vilas e povoados.

De acordo com os recenseamentos, “até 1769 o chamado Oeste Paulista tinha apenas as vilas de Itu e Jundiaí, a partir deste ano até 1836, surgiram as vilas de Mogi Mirim, Porto Feliz, Campinas, Piracicaba, Araraquara, Capivari e Franca.”(MULLER, 1978:57.)

Os relatos do viajante Saint Hilaire (1976) contribuíram para que se conhecessem as transformações ocorridas no interior paulista devido ao desenvolvimento açucareiro. O viajante afirma que “Campinas deveu seu nascimento ao fabrico do açúcar e toda a vasta região desde Campinas e Mogi até Tietê, Piracicaba e Sorocaba, incluindo nesse perímetro Jundiaí, Cabreúva, Porto Feliz, Capivari, Itu e até São Roque, farfalha então de canaviais abundantes...”(SAINT HILAIRE,1976:114)

A partir de 1850, a região do “quadrilátero do açúcar”, como um todo, é assolada pelo café, que assume posição de maior relevância. Nas palavras de Petrone :

Depois de 1850-1851, temos uma exportação de café sempre maior do que a de açúcar(...) O destino da lavoura canavieira já está decidido, portanto, a partir de 1846-1847, mas torna-se mais patente a começar a segunda metade do século. O “quadrilátero do açúcar” deixou de sê-lo, para se dedicar com verdadeira obsessão à cultura do café.(PETRONE,1968:163)

No entanto, o açúcar permanece ainda, durante muito tempo fortalecendo a economia da região. Em Piracicaba, por exemplo, apesar da expansão da lavoura cafeeira na década de 1860, há um equilíbrio com a produção do açúcar. Zaluar (1975) descreve as características dessa economia:

O café e o açúcar, regulam termo médio, em cento e cinqüenta mil arrobas.É preciso notar que a cultura do café é aqui de data muito recente, pois ainda há muito pouco tempo os Piracicabanos se entregavam exclusivamente ao cultivo da cana, que com esta inovação tem consideravelmente diminuído (ZALUAR,1975: 151)

Assim, devido ao cultivo da cana inicialmente e, mais tarde, à agricultura cafeeira, a região torna-se um dos principais pólos de utilização do trabalho escravo no Oeste Paulista, com grande presença de escravos e libertos negros. O escravo torna-se cada vez mais imprescindível aos paulistas, transformando-se em referência para hierarquia social: “mais do que o tamanho das terras, era o número de escravos que dava importância ao senhor de engenho”(PETRONE: 1968:110)

A região Sudeste caracterizou-se por concentrar um grande contingente de negros, principalmente os de origem cultural Banto. De acordo com Slenes (1999), em 1850, cerca de 90% dos homens e 2/3 das mulheres escravizados em fazendas com 20 a 50 escravos no Sudeste eram africanos. A continuidade do tráfico negreiro manteria essa percentagem ao longo de todo o século XIX. Para o autor, a agricultura do açúcar e do café exerceu impacto em áreas pouco populosas, sendo, portanto fundadas por gerações de comunidades de escravizados da região centro-africana, entre elas, em sua maioria, bacongus, umbundos e ovimbundos. De acordo com Lopes:

Esses bantos foram dos primeiros africanos para cá trazidos como escravos. E foram agentes de todos os ciclos econômicos que o Brasil pré-republicano conheceu. No nordeste açucareiro lá estavam eles com sua força de trabalho e sua rebeldia quilombola. Da mesma forma, no Sudeste, nos ciclos do ouro e do café (LOPES,2003:13)

Slenes (2008) aponta um núcleo comum nessa cultura da África Central, que se caracteriza por um conjunto de concepções sobre causalidade e cosmologia, como a noção de que o universo é marcado, em seu estado normal, pela harmonia, bem-estar e saúde, e que a instabilidade, o infortúnio e a moléstia são causados pelas ações malevolentes dos espíritos e das pessoas. Essa cultura comum facilitou sua incorporação cultural nas Américas, mais especificamente na parte latina.

Neste caso, a concentração de grupos negros de origem cultural Banto na região criou um terreno muito fértil para a reprodução dos padrões culturais africanos, compondo, dessa forma, um local de grande interação cultural. De acordo com o etnomusicólogo Mukuna (2003), características culturais existentes nas regiões Nordeste e Sudeste brasileiras foram influenciadas pela vinda de grupos africanos denominados aqui no Brasil como angolas, congos, cabindas e benguelas, estes pertencentes à família etnolingüista banto.

Diante desse contexto, percebe-se que o resultado da vinda desses escravizados de origem banto favoreceu a propagação de algumas manifestações afro-brasileiras com base cultural comum, como as “danças de umbigada” Essas manifestações se espalharam pelo interior paulista, principalmente na região onde se localizam as cidades de Campinas, Tietê, Capivari, Laranjal Paulista, Porto Feliz, Maristela, Jundiaí, Indaiatuba, Cerquillo, Piracicaba, Rio das Pedras, entre outras.

Inicialmente, nessas manifestações, predominavam de forma absoluta os tambores, feitos de troncos de madeira escavados e recobertos com pele animal em um das extremidades, de forma cônica ou cilíndrica, denominados tambu.(DIAS,1954;MANZATTI,2005)

Manzati (2005) destaca algumas vertentes derivadas dessas manifestações no processo de inter-relação cultural, denominado samba rural paulista. Ao lado do jongo e do samba de bumbo, o batuque de umbigada compõe a trilogia das manifestações culturais negras originadas no tempo da escravidão e ainda hoje praticadas em São Paulo.

1.2 Identidade e Cultura no Pós-abolição

Após a abolição, a região do antigo quadrilátero do açúcar se transforma economicamente, mantendo as características de um espaço segregador, onde as fronteiras eram definidas étnico-socialmente. Assim, várias famílias negras, geralmente recém saídas da zona rural, foram construindo verdadeiros territórios negros, lutando pela sobrevivência e resistindo aos obstáculos impostos pela sociedade urbana industrial.

Utilizo, aqui, o conceito territórios negros², pois ele nos possibilita compreender como as populações negras das diversas cidades brasileiras não somente ocuparam, mas também marcaram cultural e socialmente o espaço, desenvolvendo atividades ligadas a sua tradição. Sodré (1988) denomina esse espaço físico ocupado como um lugar de cultura, ressaltando que

A territorialização não se define como um mero decalque da territorialidade animal, mas como força de apropriação exclusiva do espaço (resultado de um ordenamento simbólico) capaz de engendrar regimes de relacionamentos, relações de proximidade e distância (...) o território aparece assim como um dado necessário à formação de identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros.(SODRÉ,1988:14)

Para Simson (1989), a proximidade do centro urbano comercial, os limites com bairros nobres que abriam possibilidades aos empregos domésticos e a localização em áreas urbanas desvalorizadas caracterizavam a formação desses espaços. Algumas dessas características que marcaram a formação de bairros da capital paulista, como Bexiga e

² Conceito utilizado nas reflexões feitas por alguns pesquisadores, como Muniz Sodré (1987), em seu trabalho *O Terreiro e a Cidade*, e Raquel Rolnik(1989). "Territórios negros nas cidades brasileiras etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro.", 1989

Barra Funda, também estavam presentes na formação desses territórios negros no interior do Estado.

Dessa maneira, a população negra, antes rural, passa a ser urbana nesses territórios, enfrentando os desafios desse novo contexto. Nas lembranças e depoimentos estão presentes histórias de enfrentamentos, racismos, desempregos e dificuldades que caracterizavam a continuidade dos sofrimentos da escravidão.

Alguns estudos³ são reveladores das condições que marcaram a vida do negro brasileiro no período pós-abolição, no qual a ampliação e o endurecimento da discriminação caracterizavam as relações sócio-raciais cotidianas. Maciel (1997) demonstra que, em Campinas, essa situação está relacionada com o desenvolvimento e com a divulgação das teses racistas na Europa, com o endurecimento e com a institucionalização do racismo nos Estados Unidos, com a definição dos princípios que formavam o regime de estado sul-africano e com os princípios nazistas na Alemanha. As ações racistas locais estavam relacionadas, portanto, a um projeto nacional de branqueamento e à proposta de adoção do racismo nacional legal. (MACIEL, 1997:215)

Além disso, o fim legal da escravidão teve significados diferentes para os ex-escravos. De acordo com Rios e Mattos (2004), foram vários os fatores que influenciaram essas diferenças, entre eles o fato de serem ex-escravos urbanos ou rurais com habilitações profissionais ou de roça, homens ou mulheres.

Ao que tudo indica, no Oeste Paulista a inserção social do liberto esteve sempre ligada às relações estabelecidas por laços de amizade ou vizinhança. Um significativo grupo de negros, que se viu livre após a abolição, enfrentou o desafio de reconstruir suas vidas numa região onde as relações pessoais se faziam definidoras de direitos e que mantinha as relações de hierarquia e clientelismo. (RIOS E MATTOS, 2004)

As ocupações de um significativo número de batuqueiros, moradores da região, revelam também como esse processo contribuiu para a característica social de negros e negras. Com algumas exceções, a maior parte manteve por um tempo o trabalho na roça ou

³ Entre eles, HASENBALG, Carlos A. *Discriminações e desigualdades raciais no Brasil*, Rio de Janeiro: Graal, 1979; AZEVEDO, CASTRO, *Hebe M. Mattos de. Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. (Coleção Passo a Passo).

esteve ligado a serviços braçais urbanos, como pedreiro, empregada doméstica, motorista, gari, cozinheiro, carpinteiro.

Diante das dificuldades enfrentadas, esses ex-escravos e seus descendentes, em sua grande maioria sem posses e trabalho, fixaram-se nos arrabaldes das cidades e transformaram-se em mão de obra barata para serviços pesados, rejeitados pelos brancos. Inúmeros são os exemplos desses espaços ocupados por grupos negros na região, que muitas vezes deixam de ser apenas “redutos negros”, transformando-se em verdadeiros territórios.

Na década de 50, por exemplo, um trecho do bairro Vila Independência tornava-se conhecido em Piracicaba, pela concentração de famílias negras que compraram terrenos e construíram suas casas na Rua Frei Luiz Santana e arredores. Essa região passou a ser motivo de chacota dos moradores de outros bairros que a apelidaram de “Vila África”, uma referência pejorativa que claramente estabelecia as fronteiras étnico-sociais. O mesmo se verifica no bairro Santa Cruz, em Tietê, que, pelo fato de possuir ruas inteiras habitadas por moradores negros, teve uma de suas ruas pejorativamente denominada de “Rua dos Corvos”.

Ocupando esses espaços, homens e mulheres contavam com alguns aspectos para a superação dos problemas enfrentados ao se inserirem na sociedade urbano-industrial: a solidariedade e os constantes encontros entre os parentes.

Nesse sentido, percebemos que os conceitos de desorganização e instabilidade não se aplicam a um significativo número de famílias negras do interior paulista, mas especificamente aos grupos envolvidos com o batuque. Ao rememorarem suas trajetórias, esses grupos familiares reconstróem também os difíceis momentos que caracterizaram o período, marcados principalmente pela luta em prol da sobrevivência.

Nos depoimentos de membros das famílias, estão presentes, de forma nem sempre explícita, as mágoas, as revoltas e as indignações decorrentes dessa marginalidade. Dona Anicide Toledo, batuqueira de Capivari que trabalhou como gari durante muito tempo, desabafa:

Olha, falar bem a verdade, nós trabalhamos(amos) aí...tudo por Deus, pra gente ir até o fim lá, pra gente poder aposentar. Porque o físcar,

(al)pra mim, era racista. Ele aproveitava nas nossas costas, e os brancos não fazia(m) nada, mas ele queria carcar nós. Quando era gente de cor, ele queria tirar o coro. (Depoimento concedido a Claudete de Sousa Nogueira em 22/07/2006)

Nos relatos estão contidas também as lembranças que marcaram a juventude, os espaços determinados, segregados (o que ocorria em muitas cidades da redondeza). Faé, batuqueiro de Piracicaba, conta-nos sobre os espaços de lazer e as marcas da discriminação:

Aí na praça tinha a praça central. Central era dos brancos e a outra lá da lateral, seria a nossa, entendeu? O pessoal só podia ir do lado, na lateral da calçada, na praça mesmo, central não era lado. Se os negros entrassem, era encrenca na certa. (Depoimento concedido a Claudete de Sousa Nogueira em 19/01/2006)

No entanto, fica evidente que a situação de racismo não passou despercebida pelos negros e negras vítimas da discriminação. Essa percepção fazia-se notar também nas letras das músicas que, dentro do universo do batuque, retratavam a situação por que passavam as famílias. As indignações estavam presentes, como na letra criada pela Dona Anicide Toledo, de Capivari, para denunciar a situação do filho que sofria discriminação no trabalho:

*Eu moro em Capivari, gosto muito da minha terra,
eu moro em Capivari, gosto muito da minha terra,
São João que me perdoe, do que eu vou falar aqui.
Precisa acabar o racismo, mas dentro de Capivari. .
(Depoimento concedido a Claudete de Sousa Nogueira em 22/07/2006)*

Assim, fica evidente que esses “territórios negros”, formados no período pós-abolição, espaços que representavam a manutenção da política discriminatória, que se tornaram também espaços sociais importantes para as manifestações culturais negra. No interior paulista, os bairros da periferia e das áreas rurais transformaram-se em espaços de

socialização, marcados pela manutenção, pelo fortalecimento e transformação das tradições trazidas na memória.

Considerações finais

A pesquisa realizada teve como objetivo compreender o universo de famílias negras, que se fixaram no interior paulista e aos poucos foram construindo espaços de resistência e identidade cultural. Os relatos das experiências permitiram compreender a importância das memórias compartilhadas por esses círculos familiares no processo de luta pela sobrevivência e construção de identidades.

A cultura transmitida pelos antepassados, vivenciada no presente, contribuiu para que o grupo se afirmasse enquanto negros e cidadãos em um espaço marcado pela discriminação e exclusão étnica. Assim, concluímos que, em sua trajetória esses grupos familiares construíram espaços por meio de sua prática cultural contribuindo assim para a transformação do espaço de convivência interétnica local.

BIBLIOGRAFIA

DIAS, Afonso. *O batuque em Tietê*. Folclore (Orgão da Comissão Paulista de Folclore e do Centro de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade, N° 4.1952

HASENBALG, Carlos. *Discriminações e desigualdades raciais no Brasil*, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LOPES, Ney. *Sambeabá: o samba que não se aprende na escola*. Rio de Janeiro: Casa da

Palavra / Folha Seca, 2003

MACIEL, Cléber da Silva. *Discriminações raciais: Negros em Campinas(1888-1926)*. Campinas: CMU publicações, 1997

MANZATTI , Marcelo Simon. Samba paulista: do centro cafeeiro à periferia do centro.Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC/SP, 2005.

MUKUNA, Kazadi wa. Contribuição bantu na música popular brasileira. São Paulo, Global, 2003.

MÜLLER, Daniel Pedro. *Ensaio dum quadro estatístico da Província de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado, 1978, pp. 57-66.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *A Lavoura Canavieira em São Paulo :Expansão e Declínio (1765 – 1851)*. São Paulo : Difel, 1968.

RAYMOND, Lavínia Costa. *Algumas danças populares no Estado de São Paulo*. USP/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim nº 191, Sociologia nº 6, São Paulo, 1954.

RIOS, Ana Maria. Lugão; Mattos, Hebe. *O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas*. Topoi, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004.

SAINT HILAIRE, A. *A Província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1976.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von & GUSMÃO, Neusa. A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente. In: *Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, 1989

SLENES, Robert. W. A grande greve do crânio Tucuxi: espíritos das águas Centroafricanas e identidade escrava no início do século XIX no Rio de Janeiro. IN: HEYWOOD, Linda M. *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Na Senzala uma Flor: as esperanças e as recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade, a Forma Social Negro-Brasileira*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.

ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)*. Belo Horizonte: Itatiaia ; São Paulo: EDUSP, 1975. (Reconquista do Brasil, v. 23).